O perfil dos alunos do curso de Administração, sob a perspectiva empreendedora

Verónica Peñaloza e Adriana Teixeira Bastos

Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior
da Universidade de São Paulo

O perfil dos alunos do curso de Administração, sob a perspectiva empreendedora

Verónica Peñaloza e Adriana Teixeira Bastos

O PERFIL DOS ALUNOS DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO, SOB A PERSPECTIVA EMPREENDEDORA*

Verónica Peñaloza[1] e Adriana Teixeira Bastos[2]

Resumo

Uma preocupação constante da Universidade é como instrumentalizar os alunos para tornarem-se aptos a ingressarem no mercado e o empreendedorismo tem se tornado um tema recorrente nas discussões acerca da inserção e formação profissional. Dentro deste contexto, o presente artigo tem como objetivo geral compreender o perfil do aluno que está em vias de deixar a universidade e ingressar no mercado de trabalho, mas sob a perspectiva de análise do empreendedorismo. Uma primeira leitura dos resultados indicou que a maioria dos alunos não teria espírito empreendedor, neste caso entendido como intenção de montar um negócio. O objetivo profissional do maior percentual de respondentes, foi o de serem funcionários públicos, colocado muitas vezes na literatura como antítese do espírito empreendedor. Contudo, num segundo momento, os resultados evidenciaram que os alunos apresentam características/comportamento empreendedor e o fato de — na sua maioria — não demonstrarem interesse em desenvolver atividades empreendedoras é mais uma questão relacionada a motivações econômicas (renda familiar) do que a motivações empreendedoras.

Introdução

Nas últimas décadas experimenta-se uma grande mudança no mercado de trabalho dos alunos formados nos cursos de administração. Os postos de trabalho reduziram-se e o universo empresarial está deixando de ser predominantemente composto de grandes corporações e passando a ser dominado por micro e pequenos empresas. Neste contexto o

---

* Esse artigo foi apresentado primeiramente no XVI ENANGRAD (Encontro Nacional dos Cursos de Graduação em Administração), Belo Horizonte, MG, Agosto de 2005.

[1] Professora Doutora do Centro de Estudos Sociais e Aplicados (CESA) da Universidade Estadual do Ceará.

[2] Professora Doutora do Centro de Estudos Sociais e Aplicados (CESA) da Universidade Estadual do Ceará.

empreededorismo vem crescendo se firmando como a solução dos problemas da economia atual.

Se as grandes corporações já não representam mais, uma fonte estável e crescente de emprego, os índices de mortalidade das pequenas empresas apresentam dados alarmantes que demonstram que mostrar um negócio pode ser algo bastante arriscado. Qual deve ser a orientação dos cursos de administração?

Este é um dilema que a cada dia leva mais estudiosos a refletirem de maneira crítica sobre o papel que a Universidade deve desempenhar neste aspecto. Uma preocupação constante é como instrumentalizar os alunos para tornarem-se aptos a ingressarem no mercado de trabalho, quer como criadores de suas próprias ocupações, ou não.

O Curso de Administração da Universidade Estadual do Ceará - UECE, após dez anos de implementado seu último projeto político-pedagógico (apesar de ter passado por algumas reformas superficiais) decidiu que era chegado o momento do mesmo ser revisto em sua totalidade. Desta forma, nada mais oportuno do que iniciar tal empreitada conhecendo e analisando o perfil do aluno que está em vias de deixar a universidade e ingressar no mercado de trabalho, sob a perspectiva de análise de um tema que tem sido recorrente nas discussões acerca da inserção e formação profissional - o empreendedorismo.

Em outras palavras, a análise está voltada para a possibilidade de refletir sabre questões que possam identificar de alternativas que promovam "a ação do jovem sobre seu próprio destino" Dib & Dias (2003:02) e, em que medida estas alternativas podem passar pela definição dos conteúdos e saberes promovidos pela universidade necessários à inserção profissional.

É dentro desse contexto que o presente artigo tem como objetivo geral compreender o perfil do aluno dos Cursos de Administração da UECE, de modo a contribuir para o processo de ensino e aprendizagem nesta instituição, bem como possibilitar reflexões a cerca do papel desempenhado pela universidade, através de seus cursos de graduação, nesse complexo quadro de definição de competências e habilidades necessárias ao perfil do egresso.

Apresenta também como objetivos específicos:

- Conhecer o perfil socioeconômico dos alunos dos Cursos de Administração;

- Conhecer a percepção do aluno com relação aos fatores que são determinantes para o ingresso na vida profissional;
- Conhecer as características empreendedoras dos alunos;
- Identificar as pretensões profissionais dos alunos;
- Conhecer o interesse dos alunos por atividades acadêmicas que privilegiem a aprendizagem do empreendedorismo.

Formulação das Hipóteses e Perguntas de Investigação

Diante da necessidade de ascender à condição de sujeito-produtivo, momento em que todas as instâncias da sociedade são atingidas por um movimento de instabilidade e fragmentação, o jovem universitário lida com mensagens que preconizam o 'fim do emprego' - "mensagens essas que lhe chegam esvaziadas de contextualização e acabam por construir uma visão limitada ou distorcida a respeito do mercado de trabalho e do futuro". Dib & Dias (2003:02)

Essas mensagens, em sua maioria, são acompanhadas de soluções como a apresentada por Dolabela (1999) em que, numa economia cujo modelo movido por grandes empresas e pelo Estado falido, diante das alterações nas relações de trabalho e na produção, não é tão necessário quanto a indução da sociedade para iniciar o processo de formação de empreendedores que possam explorar as oportunidades criadas pelo surgimento de pequenos e médios negócios. Por outro lado, ressalte-se que empiricamente estas idéias parecem ser procedentes, pois como revelam as estatísticas mais recentes do IBGE em 2002 e segundo o SEBRAE (2005), o total de empresas no Brasil alcançava a marca de 4.918.370. Os setores da indústria, construção, comércio e serviços e as microempresas representavam 93,6% do total das firmas, sendo o setor do comércio o mais representativo, com 95% de firmas deste porte. O conjunto das micro e pequenas empresas representava 99,2% do total.

Dessa forma, para consecução dos objetivos propostos, parte-se da seguinte pergunta de investigação: os alunos dos Cursos de Administração apresentam características empreendedoras?

Como resposta provisória para a questão esta pesquisa revela que os jovens estudantes do curso da UECE apresentam características/comportamento próprias do empreendedor apesar de, em sua maioria, não demonstrarem imediato interesse em desenvolver atividades empreendedoras.

O Empreendedor

Entende-se empreendedorismo, nesse trabalho, assim como em Dib & Dias (2003:01), "como possibilidade de autonomia e gerenciamento de qualquer tipo de carreira (e não algo exclusivo àqueles que pretendem montar o próprio negócio".

A perspectiva aqui apontada é possível, pois segundo Dolabela (2004: 01), o empreendedor pode ser visto como uma "forma de ser e que identificar o modo de ser define o empreendedor, independentemente do campo em que atue". Então, em outras palavras: "é empreendedor, em qualquer área, alguém que sonha e busca transformar seu sonho em realidade (...) Tal concepção abrange todos os tipos de empreendedores - o que atua na empresa, no governo, no terceiro setor, seja na posição de empregado, seja na de dirigente, autônomo ou proprietário". (Dolabela, 2004: 02)

No entanto, saliente-se que as definições do que é ser empreendedor não param aqui, pois como adverte Filion (2003:9), o interesse no estudo do empreendedorismo é recente e "não se trata de uma disciplina acadêmica com sentido que se atribui habitualmente a Sociologia, a Psicologia, a Física ou a qualquer outra disciplina já bem consolidada. Referimo-nos ao empreendedorismo como sendo, antes de tudo, um campo de estudo. Isto porque não existe um paradigma absoluto, ou um consenso científico".

Em termos práticos para a realização da pesquisa, diante da diversidade de definições sobre o que é ser empreendedor, admite-se ser mais fácil e oportuno nesta pesquisa, identificar os empreendedores segundo suas características comportamentais. Para isto, Dolabela (1999:119) baseado em Filion, apresenta um quadro que avança na elucidação do que são estas características, uma vez que, além de ressaltar as diferenças de comportamento em relação os gerentes, apresenta a preferência dos empreendedores quanto à maneira de realizar suas atividades.

Quadro 1 - Gerente e Empreendedor: atividades

Gerente	**Empreendedor**
Tenta otimizar os recursos para atingir metas	Estabelece uma visão e objetivos; depois localiza os recursos
Opera dentro de uma estrutura existente	Define tarefas e papéis que criam uma estrutura de organização
Busca aquisição de conhecimentos gerenciais e técnicos	Apóia-se na auto-imagem geradora de visão e inovação; busca adquirir *know-how* e *know-who*
A chave é se adaptar às mudanças	A chave é iniciar as mudanças
Seu padrão de trabalho implica análise racional	Seu padrão de trabalho implica imaginação e criatividade
Trabalho centrado em processos que se apóiam no meio em que ele se desenvolve	Trabalho centrado no planejamento de processos que resultam de uma visão diferenciada do meio
Apoiado na cultura da afiliação	Apoiado na cultura da liderança
Centrado no trabalho em grupo e na comunicação grupal	Centrado na evolução individual
Trabalha no desenvolvimento dos dois lados do cérebro, com ênfase no lado esquerdo	Desenvolvimento dos dois lados do cérebro, com ênfase no lado direito
Desenvolve padrões para a busca de regras gerais e abstratas em princípios que possam se transformar em comportamentos empresariais de eficácia	Lida com situações concretas e específicas; sabe que uma oportunidade é única, um caso diferente de outros, e que deve, portanto, ser tratado de forma específica
Voltado à aquisição de k*now-how* em gerenciamento de recursos e da área da própria especialização	Voltado à aquisição de know-how para definir contextos que levam à ocupação do mercado

Fonte: Dolabela (1999: 119)

Para consecução da pesquisa, e como será demonstrado mais claramente no Quadro 2, outras duas características foram acrescidas às apresentadas anteriormente, quais sejam: um trabalho em que a remuneração seja o principal incentivo X um trabalho em que a satisfação pessoal seja o principal incentivo e um trabalho que dê segurança e estabilidade X um trabalho que permita autonomia.

Dornelas (2001) também sintetiza, a partir de diversos autores, um quadro que apresenta as seguintes característica dos empreendedores bem sucedidos: são visionários, sabem tomar decisões, são indivíduos que fazem a diferença, sabem explorar ao máximo as oportunidades, são determinados e dinâmicos, são dedicados, são otimistas e apaixonados pelo que fazem, são independentes e constroem o próprio destino, ficam ricos, são lideres formadores de equipes, são bem relacionados, são organizados, planejam, possuem conhecimento, assumem riscos calculados e criam valor para a sociedade.

Por outro lado, não basta que exista motivação para empreender. “É necessário que o empreendedor esteja preparado para isto, ou seja, que conheça formas de análise do negócio, do mercado e de si mesmo para perseguir o sucesso com passos firmes e saber colocar a sorte a seu favor” (Dolabela 1999:33). Com isso se espera reduzir os índices de mortalidade de

empresas ao fornecer subsídios para o pré-empreenpreendedor que deseja abrir uma empresa, através do plano de negócios, fundamentando sua decisão.

Em acréscimo, sabe-se que a contribuição do conhecimento puramente tecnológico, ligado ao produto, para o sucesso da empresa, apesar de ser fundamental, corresponde a uma parcela menor do que a de outros fatores, ligados às tarefas de prospecção de mercado, vendas, distribuição e comunicação da existência e das vantagens do produto/serviço. (Dolabela, 1999).

Diante disto, surge a questão: como ensinar empreendedorismo? Os autores Filion (2003), Dolabela (2003; 1999) e Dornelas, (2001) são unânimes em afirmar que falar de empreendedorismo e de educação significa canalizar o conhecimento para uma melhor realização do potencial de cada um e exige de uma pedagogia específica pois, no empreendedorismo, o que é primordial é o saber-ser, ou seja, a forma como uma pessoa define a si próprio e como define a sua relação com o meio. “Empreendedorismo se aprende geralmente pela transmissão de valores, por osmose e por contatos seguidos com um empreendedor, em suma por trocas de saber com aqueles que o praticam”. (Filion, 2003:15) Ou seja, a educação necessita de dimensões mais fundamentais tais como a definição de si próprio e a aprendizagem da liderança, o que implica vários conhecimentos que vão além das práticas de negócios.

No entanto, é Dolabela (2004) quem esclarece sobre uma metodologia de ensino do empreendedorismo, embora direcionada para a educação básica. Para este autor a dinâmica pedagógica é dada pela ação que integra os dois ciclos de aprendizado do empreendedor: o sonho estruturante e sua tarefa de realização. “Ao envolver-se na tarefa de realização do sonho, o indivíduo estará ponderando a adequação entre o sonho, tudo o que o cerca e o seu próprio eu. Para isso, buscará, de forma auto-suficiente, aprofundar conhecimentos sobre si mesmo e sobre o ambiente do sonho, aumentando sua consciência sobre o mundo e os outros. Como o sonho, o eu e o ambiente sofrem mudanças e se alteram permanentemente; desse modo, a construção do conhecimento é dinâmica, o que lhe empresta força pedagógica”.

Ou seja, “é possível aprender o empreendedorismo. E a aprendizagem se realiza de uma maneira muito gradual”, completa (Filion, 2003:16).

Em síntese, os autores analisados sugerem que a forma mais efetiva de ensinar o empreendedorismo é aproximando o mundo da educação (qualquer que seja o seu nível) do mundo do trabalho.

Metodologia

Para consecução da pesquisa, optou-se pela realização de uma survey uma vez que "é apropriada quando a ênfase da pesquisa é analisar traços, opiniões ou ações de indivíduos". (Roesch, 1999: 197)

Dessa forma, para a realização da mesma foi aplicado um questionário com 21 perguntas divididas em 3 seções: uma primeira seção de perguntas de alternativa única, destinadas a classificar o perfil socioeconômico do aluno; uma segunda parte com perguntas de alternativas múltiplas, que objetivavam conhecer a opinião do aluno sobre conteúdos e orientações do curso; e uma terceira parte relacionada com a situação laboral, para investigar os objetivos profissionais dos alunos, sua opinião sobre a importância de determinados fatores na atividade profissional e suas tendências empreendedoras.

Nas perguntas de opinião usou-se a escala de Lickert para as respostas (Mattar, 1999). Nas perguntas em que parecia mais relevante a importância que o entrevistado dava a cada item do que a freqüência com que este era mencionado, construiu-se um índice. Este foi elaborado usando a média ponderada das respostas, vale dizer, multiplicando o valor atribuído pela freqüência das respostas.

Na pergunta sobre os fatores importantes na vida profissional, inicialmente se usou a escala de Lickert para as respostas. Porém os resultados do pré-teste mostraram que os alunos assinalavam quase todas as alternativas como "muito importantes", ainda aquelas que podiam ser excludentes entre si. Para evitar esse problema e a anulação dos resultados, reformulou-se a pergunta. Pediu-se que escolhessem os 5 fatores mais importantes e os classificassem em ordem de importância. Posteriormente se construiu um índice com todas respostas que refletisse o grau de importância atribuído à alternativa escolhida e a freqüência desta. Para exemplificar, o fator "salário", foi mencionado 41 vezes no total. Em 5 oportunidades como o fator mais importante, em 9 oportunidades como o segundo fator mais importante, 15 vezes

como o terceiro fator mais importante, 8 vezes como o quarto fator mais importante e 4 vezes como o quinto fator mais importante. Atribuindo ponderação 5 ao fator mencionado em primeiro lugar e ponderação 1 ao fator mencionado em último lugar, o índice correspondente ao salário foi de 126 pontos.

Ressalte-se, ainda, que a questão que visava definir as tendências dos alunos, para o empreendedorismo ou a gerencia, investigando o tipo de atividade que preferiam desenvolver, o pré-teste indicou a necessidade de alternar as colunas apresentadas para que as respostas não fossem contaminadas pela tendência em direção ao empreendedorismo.

Para trabalhar os resultados foi utilizada estatística descritiva e cruzamentos simples. Estatísticas mais sofisticadas não fazem muito sentido dado o pequeno número (estatisticamente falando) de respondentes.

Dos 83 questionários aplicados, correspondente ao número de alunos matriculados e freqüentando regularmente as disciplinas de Planejamento e Projetos II (situada na integralização curricular no último semestre do curso), foram respondidos 82,9%.

Para trabalhar os dados foi utilizado o software SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) os módulos de estatística descritiva e de cruzamentos simples.

Análise dos Resultados

Dos 68 respondentes, 36 são mulheres e 32 homens. As idades variam entre 22 e 46 anos, concentrando-se nas faixas de menores idades, pois 60,3% têm até 25 anos e 80,9% têm até 30 anos. A maioria se declara como solteira 73,5% (só uma pessoa declarou-se como separada /viúva/divorciada) e 25% declaram-se casados e estes eram do sexo masculino, majoritariamente.

Com relação às condições de moradia, dos 8,8% que declararam não morar com a família, nenhum aluno assinalou dividir moradia com outros estudantes ou amigos.

Quanto a sua participação na vida econômica da família, apesar de 67,6% morarem com os pais, mais de 80% deles trabalham, 20,6% são responsáveis pelo próprio sustento,

20,6% contribuem para o sustento da família e 11,8% são responsáveis pelo sustento da família (vide Tabela 1).

Tabela 1 - Perfil Sócio Econômico dos Alunos

Gênero	**Número de respondentes**	**(%)**
Feminino	36	52,9
Masculino	32	47,1
Total	68	100,0
Estado Civil		
Solteiro	50	73,5
Casado (conjugue ou parceiro)	17	25,0
Separado, Viúvo, Divorciado	1	1,5
Total	68	100,0
Idade dos Alunos por Faixa Etária		
Até 25 anos	41	60,3
Entre 26 e 30 anos	14	20,6
Entre 31 e 35 anos	7	10,3
maior que 35 anos	6	8,8
Total	68	100,0
Condições de Moradia		
Com os pais	46	67,6
Com conjugue ou parceiro	16	23,5
Com parentes ou amigos da família	4	5,9
Sozinho	2	2,9
Total	68	100,0
Participação na Vida da Família		
Não trabalha e seus gastos são financiados pelos pais ou pela família	8	11,8
Não trabalha mas tem meios de custear seus gastos (bolsa, herança, rendas)	5	7,4
Trabalha mas recebe complemento da família	19	27,9
Trabalha e é responsável pelo próprio sustento	14	20,6
Trabalha e é responsável pelo sustento da família	8	11,8
Trabalha e é responsável pelo próprio sustento e contribui para o sustento da família	14	20,6
Total	68	100,0

Fonte: Dados elaboração dos autores

Quanto à situação sócio-econômica da família, segundo podemos observar na Tabela 2, a distribuição da renda familiar dos respondentes se concentra nas faixas de 5 a10 salários mínimos (27,9%) e de 15 a 20 salários mínimos (23,5%), sendo que 8,8% pertencem a famílias com renda maior que 30 salários mínimos e um percentual igual a famílias com rendas menores que 5 salários mínimos.

Os alunos solteiros têm uma renda familiar referida aos pais e os alunos casados uma renda familiar referida a si próprios (e conjugues). Quando comparados os dois segmentos, a renda familiar dos alunos solteiros é superior a dos alunos casados.

A renda média dos alunos solteiros é de 15,5 salários mínimos, sendo que a dos alunos casados é de 11,2 salários mínimos. No caso dos alunos solteiros, o primeiro quartil ganha até 10,5 salários mínimos e no segundo caso até 8,9 salários mínimos. Quanto às rendas maiores, 25% dos alunos solteiros têm uma renda superior a 20,7 salários mínimos, sendo que 25% dos alunos casados têm uma renda familiar superior a 19,2 salários mínimos. A dispersão também é maior no caso da renda dos alunos casados, o coeficiente de variação é de 66% para este caso e de 57% para o caso dos alunos solteiros.

Apesar da renda *per capita* ser maior para o caso dos alunos casados cujas famílias são menores (maior concentração de 2 pessoas), para os objetivos deste trabalho é mais relevante a renda familiar que a renda *per capita*.

Tabela 2 - Renda Familiar em Salários Mínimos

Renda Familiar por Faixas	Número de respondentes	(%)
Menos de 5 salários mínimos	6	8,8
Mais de 5 até 10 salários mínimos	10	14,7
Mais de 10 até 15 salários mínimos	19	27,9
Mais de 15 até 20 salários mínimos	16	23,5
Mais de 20 até 30 salários mínimos	8	11,8
Mais de 30 salários mínimos	6	8,8
Sem Resposta	3	4,4
Total	68	100,0

Fonte: Dados elaboração dos autores

Como já mencionado acima, a grande maioria dos alunos trabalha e já estão há alguns anos no mercado de trabalho. Cinqüenta por cento deles trabalham desde o primeiro ano do curso ou desde antes. Quanto ao vínculo empregatício, um percentual muito pequeno (2,9%) apresenta a iniciativa empreendedora de trabalhar como autônomo. Um percentual igualmente pequeno é funcionário público (autárquico/estatutário), outra parte é ainda estagiária, 22,1%, entretanto, mais da metade (54,4%) já possui vínculo de trabalho efetivo (contrato CLT).

Quanto ao setor de atividade em que trabalham, concentram-se principalmente no setor financeiro (bancos seguradoras, corretoras, outras), um percentual menor trabalha nos

setores industriais (16,2%) e de serviços técnico-profissionais (11,8%), o restante distribui-se em setores diversos (serviços de utilidade pública, ensino, organizações de classe, etc). Vale destacar que 64,7% dos alunos declararam que o tipo de trabalho que realizam está muito ou bastante relacionado com o curso.

Associado a este ponto, quando se indagou sobre a opção pelo curso de administração, 41,5% dos respondentes assinalaram como importante e muito importante a escolha do curso para melhorar de posição no emprego.

A formulação da pergunta sobre porque o aluno tinha optado pelo curso de administração, entre outros objetivos, pretendia ter a informação se o curso de administração era procurado pelos alunos como meio para se desenvolver profissionalmente como empreendedor. As respostas mostraram que esse não era o interesse primordial dos alunos. Só 20% dos respondentes assinalaram a alternativa como importante ou muito importante, enquanto 33,8% disseram ser pouco importante ou irrelevante. As alternativas mais respondidas como importantes e muito importantes foram as opções pelo curso de administração como meio para aumentar as chances de conseguir um bom emprego (81,5%) e o interesse dos alunos pela área (vocação e primeira opção) com 80,0%. Os alunos parecem saber muito bem o que querem com relação ao curso, as respostas indicam uma escolha consciente. O conjunto de possibilidades que indicava uma opção pouco consciente ou como segunda alternativa (ter seguido o conselho de pessoas próximas, familiares, amigos ou não ter conseguido entrar no curso de preferência) são mencionadas em quase 50% dos casos como pouco importante ou irrelevante.

Consultados diretamente sobre seu interesse em cursar uma disciplina optativa de empreendedorismo 86,8% dos alunos disseram que sim, optariam pela disciplina, e 13,2% que não optariam. Os fatores que estariam associados à intenção de cursar a disciplina de empreendedorismo seriam a “possibilidade de aplicar os conhecimentos num empreendimento próprio” - assinalado como “muito importante” em 72,9% dos casos - a “possibilidade de fazer um plano de negócios” - fator assinalado “muito importante” em 75% das respostas— e a “metodologia do professor”. A “compatibilidade de horários” e a “facilidade de aprovação”, foram considerados fatores “pouco importante” ou “irrelevante”, concentrando a freqüência das respostas nestas alternativas. O conteúdo da disciplina, também se revela um fator importante.

Ressalte-se que apesar do 72,9% dos alunos terem assinalado que um fator “muito importante” que os levaria a cursar uma disciplina optativa de empreendedorismo seria “a possibilidade de aplicar os conhecimentos adquiridos em um negócio próprio”, esta intenção não é coerente com os resultados de outras perguntas. Quando consultados sobre quais eram seus objetivos profissionais de curto e médio prazo, só 22,1% dos alunos responderam que tinham como objetivo profissional abrir um negócio próprio.

Quando se pergunta pelo objetivo profissional, fazer carreira no setor público é a alternativa assinalada com maior freqüência, 38,2% dos casos; trabalhar em empresa privada é assinalada como segunda opção com 23,5% das respostas; seguir a vida acadêmica é a opção de 14,7% dos respondentes (Tabela 3).

Tabela 3 - Objetivos profissionais de médio e longo prazo

	Número de respondentes	**(%)**
Dedicar-se à pós-graduação integralmente/seguir vida acadêmica	10	14,7
Conseguir emprego em empresa privada	16	23,5
Prestar concurso público/ consolidar carreira no setor público	26	38,2
Abrir negócio próprio/consolidar negócio próprio	15	22,1
Sem resposta	1	1,5
Total	68	100,0

Fonte: Dados elaboração dos autores

Uma primeira leitura desses resultados indica que a maioria dos alunos não teria espírito empreendedor, neste caso entendido como intenção de montar um negócio, pois o objetivo profissional do maior percentual de respondentes foi o de serem funcionários públicos, colocado muitas vezes na literatura como antítese do espírito empreendedor. Será que os alunos estariam contagiados pelo que Dolabela (1999) chama de síndrome do empregado? Provavelmente não, pois algumas características consideradas pelo autor como ilustrativa deste tipo de comportamento não são observadas na pesquisa. Exemplo disto são os aspectos da atividade profissional, considerados importantes, como bom ambiente de trabalho e bom relacionamento com os colegas. Ao contrário, ser avaliado periodicamente e ter acompanhamento não é considerado um aspecto importante. E como já observado anteriormente, muito cedo ingressam no mercado de trabalho buscando sua independência.

Quando consultados sobre os fatores que consideram importantes na atividade profissional, o salário aparece em primeiro lugar, com uma freqüência de 70,7%, seguido pelas chances de continuar a qualificação (67,2% de freqüência) e a estabilidade no emprego (51,7% de freqüência). Contudo, a estabilidade apresenta uma ordem de importância maior, 3,6 pontos em média comparados com 3,1 para o salário e 3,2 para a qualificação. Vale dizer, o salário foi mencionado um maior número de vezes que a estabilidade (41 versus 30) mas a estabilidade recebeu uma ponderação maior. Esta importância atribuída à estabilidade no trabalho explicaria claramente a preponderância dos alunos que têm como objetivo profissional seguir carreira no setor público.

Destaca-se também a alternativa "bom ambiente de trabalho e bom relacionamento com os colegas" com uma freqüência 55,2% e uma pontuação média de 3,1 pontos.

Os fatores menos mencionados foram "independência/não estar subordinado a ninguém" e a "possibilidade de ganhar muito dinheiro ainda que implique em riscos", que deveriam ser fatores importantes por pessoas associadas a características empreendedoras. Estes fatores são mencionados como importantes somente para 6 e 5 alunos, respectivamente, com ponderações de 2,7 e 3.

Alguns outros fatores associados pela literatura (Dolabela,1999; Filion, 2003; Dornelas, 2001) ao perfil empreendedor como "possibilidades de concretização de idéias de próprias" e um "trabalho que exija e desafie", aparecem mencionados em aproximadamente 40% das respostas, com uma importância média de 2,9 e 3,3 na escala de 1 a 5.

Além de consultados sobre os fatores que consideram importantes na vida profissional, perguntou-se aos alunos sobre que tipo de trabalho gostariam de desenvolver. No Quadro 2, baseado em Dolabela (1999:119) foram resumidas uma série de atividades assinaladas como atividades de caráter gerencial (coluna da esquerda) versus atividades do trabalho empreendedor (coluna da direita). O Quadro contêm também a freqüência das respostas dadas pelos alunos à questão.

Quadro 2 - Tipo de trabalho que gostaria desenvolver			
(%)	Atividades	Atividades	(%)
55,2	Um trabalho onde você tenha que otimizar recursos já dados para atingir metas	Um trabalho onde você estabeleça os objetivos para depois localizar recursos	44,8
49,3	Um trabalho onde você opere dentro de uma estrutura existente, com tarefas claras e definidas	Um trabalho onde você defina tarefas e papeis que criem uma estrutura de organização	50,7
54,5	Um trabalho que busque aquisição de conhecimentos técnicos e gerenciais	Um trabalho que busque adquirir *know-how* e *know-who*	45,5
11,9	Um trabalho onde você precisa se adaptar às mudanças	Um trabalho onde você precisa iniciar mudanças	88,1
34,3	Um trabalho que o padrão seja a análise racional	Um trabalho que o padrão seja imaginação e criatividade	65,7
6,1	Um trabalho apoiado na cultura da filiação	Um trabalho apoiado na cultura da liderança	93,9
30,8	Um trabalho centrado em processos que se apóiam no meio em que ele se desenvolve	Um trabalho centrado no planejamento de processos que resultam de uma visão diferenciada do meio	69,2
97,0	Um trabalho centrado no trabalho em grupo e na comunicação grupal	Um trabalho centrado na evolução individual	3,0
38,8	Um trabalho que desenvolve padrões para busca de regras gerais e abstratas em princípios que possam se transformar em comportamentos empresariais eficazes	Um trabalho lida com situações concretas e específicas, um caso é diferente de outros e deve ser tratado de forma específica	61,2
9,0	Um trabalho em que a remuneração seja o principal incentivo	Um trabalho em que a satisfação pessoal seja o principal incentivo	91,0
52,2	Um trabalho que de segurança estabilidade	Um trabalho que permita autonomia	47,8

Fonte: Adaptação dos autores

Observa-se que, mesmo tomando o cuidado em mascarar as respostas, a maioria respondeu dando preferência às atividades empreendedoras. As exceções são por conta da preferência por otimizar recursos ao invés de procurá-los e a preferência por trabalho que busque aquisição de conhecimentos técnicos e gerenciais ao invés de adquirir *know-how e know-who*, contudo a diferença é bem estreita (pouco mais de 50%). Segurança e estabilidade, também são preferidas a autonomia. Destaca-se a elevada preferência por atividade centradas no trabalho grupal e na comunicação grupal (97%), ao invés de um trabalho centrado na evolução individual (3%).

A analise das informações para a totalidade dos alunos pesquisados, leva a pensar que, em geral, os alunos manifestam interesse por desenvolver atividades empreendedoras mais do que atividades ligadas ao trabalho gerencial. Contudo os dados contidos no Quadro 1 não são muito esclarecedores. Porém, surge a pergunta, será que existem diferenças nessas respostas entre os alunos segundo seus interesses profissionais futuros? Para responder esta questão, dividiu-se a população em 4 grupos, aqueles que manifestaram interesse em dedicar-se à vida acadêmica, aqueles que desejam seguir carreira na área privada, aqueles que desejam seguir carreira no setor público e finalmente os que manifestaram interesse em montar seu próprio negócio.

Observam-se diferenças fundamentais entre os grupos, principalmente se comparados os alunos que desejam seguir carreira no setor público versus os alunos que desejam ter seu próprio negócio.

A Tabela 4 mostra o percentual de respondentes classificados segundo objetivos profissionais. A despeito dos resultados gerais - mostrados no Quadro 2 - quando analisados os grupos separadamente, os resultados parecem mais coerentes.

Em primeiro lugar, a média total nos indica o percentual de alunos do grupo, que prefere atividades empreendedoras. Observando os resultados, as médias são maiores - como era de se esperar - para o grupo "declaradamente empreendedor" (72,1%). Em segundo lugar, das preferências por atividades empreendedoras, estaria o grupo que deseja seguir vida acadêmica, com uma média de 62,3%, resultado coerente com o perfil que se espera no setor acadêmico. Já os alunos que optaram pelo setor privado têm uma média menor que os grupos anteriores (58,2%), contudo essa média é ainda maior que a do grupo que pretende consolidar carreira no setor público. Este grupo, que segundo estes parâmetros, seria o grupo menos empreendedor, apresenta também a menor média (53,7%). De certa forma, estes resultados também corroboram a eficácia do método utilizado para investigar as características empreendedoras do grupo.

Entretanto, é importante ressaltar que apesar de alguns tipos de atividade não apresentarem percentuais muito diferentes, denotando preferências similares, sempre o percentual do grupo que pretende trabalhar no setor público é menor que o percentual do grupo que pretende montar um negócio. Os quatro grupos, por exemplo, preferem um trabalho apoiado na cultura da liderança ao invés da cultura da filiação (atividade F), um

trabalho em que a satisfação pessoal seja o principal incentivo (atividade J) e um trabalho em que tenham que iniciar as mudanças ao invés de se adaptar a elas (atividade D).

Contudo, identificam-se diferenças claras nas preferências pelas outras de atividades. Os alunos que gostariam de ter negócio próprio, apresentam percentuais de preferência muito maiores por trabalhos que impliquem em atividades diferenciadas, criativas, não-padrões (alternativas B, E, G, I). Ao contrário, os alunos que gostariam de trabalhar no setor público, apresentam percentuais de preferências menores por este tipo de atividades.

É o caso da atividade B, por exemplo, 80% dos alunos que pretendem montar negócio próprio preferem um trabalho onde eles definam as tarefas e criem uma estrutura de organização, a um trabalho, onde operem dentro de uma estrutura já existente e com tarefas claras e definidas. Já, os alunos que pretendem trabalhar no setor público, têm uma preferência por este último.

No caso da atividade E, 80% dos alunos que pretendem montar negócio próprio preferem um trabalho que o padrão seja imaginação e criatividade, contra 53,8% dos alunos que pretendem trabalhar no setor público. Destaca-se a elevada preferência por este tipo de atividade dos alunos que pretendem ir para o meio acadêmico.

Já colocados frente à disjuntiva de escolher entre autonomia e estabilidade (alternativa K), as preferências são marcantes: 80% dos alunos que optam por montar um negócio próprio preferem autonomia à estabilidade. O mesmo acontece com os alunos que gostariam de seguir vida acadêmica, onde a preferência é de 70%. Os alunos que optam pelo setor público, claramente preferem estabilidade à autonomia, 30,8% escolhem esta última, caso similar acontece com os alunos cujos objetivos profissionais são trabalhar em empresa privada.

Tabela 4 - Percentual de respondentes para atividades empreendedoras, classificados segundo objetivos profissionais

Tipo de trabalho que gostaria desenvolver — Atividades empreendedoras	Área Acadêmica (%)	Setor Privado (%)	Setor Público (%)	Negocio Própri (%)
A. Um trabalho onde você estabeleça os objetivos para depois localizar recursos	50,0	33,3	50,0	46,7
B. Um trabalho onde você defina tarefas e papeis que criem uma estrutura de organização	60,0	60,0	26,9	80,0
C. Um trabalho que busque adquirir *know-how* e *know-who*	55,6	33,3	46,2	46,7
D. Um trabalho onde você precisa iniciar mudanças	70,0	86,7	92,3	93,3
E. Um trabalho que o padrão seja imaginação e criatividade	90,0	60,0	53,8	80,0
F. Um trabalho apoiado na cultura da liderança	90,0	100,0	88,5	100,0
G. Um trabalho centrado no planejamento de processos que resultam de uma visão diferenciada do meio	70,0	73,3	56,0	86,7
H. Um trabalho centrado na evolução individual		6,7	3,8	
I. Um trabalho lida com situações concretas e específicas, um caso é diferente de outros e deve ser tratado de forma específica	50,0	66,7	50,0	80,0
J. Um trabalho onde a satisfação pessoal seja o principal incentivo	80,0	86,7	92,3	100,0
K. Um trabalho que permita autonomia	70,0	33,3	30,8	80,0
Média Total	62,3	58,2	53,7	72,1

Fonte: Dados elaboração dos autores

Além das diferenças entre as preferências demonstradas pelos grupos, gostaríamos de saber se existem outras variáveis - além das preferências - que os diferenciem.

Será por exemplo, que os alunos que pretendem montar um negócio, provêm de famílias em que o pai ou a mãe trabalham como autônomos?

Para responder a estas questões foi realizada uma série de cruzamentos com as variáveis que caracterizam o perfil demográfico e sócio-econômico dos alunos e os grupos segundo objetivos profissionais. Nenhum destes cruzamentos evidenciou alguma variável que caracterizaria algum dos grupos. Não há grandes diferenças entre os grupos, nem por sexo, nem por estado civil, nem por idade, nem por tipo de atividade que os pais desenvolvem ou por vínculo de trabalho destes.

A única variável que evidenciou diferença por grupos de objetivos profissionais foi a renda familiar. Os alunos que gostariam de seguir carreira no setor público têm uma renda familiar menor que os outros grupos. Tanto a média (R$2.936,0), quanto a mediana são menores (Tabela 5). Ao dividir a população em quartis, observamos que para todos estas faixas, a renda familiar dos alunos que gostariam de seguir carreira no setor público é sempre

menor. Assim sendo, podemos questionar se este grupo tem menos tendência a ser empreendedor ou se é a opção pela estabilidade o fator determinante. Ou seja, fica a interrogante se a opção não seria mais uma questão de motivações econômicas que de motivações empreendedoras.

Tabela 5 - Estatísticas da renda familiar por grupos classificados segundo objetivos profissionais

		Área Acadêmica (R$)	Setor Privado (R$)	Setor Público (R$)	Negocio Próprio (R$)
Média		4.290,0	5.300,0	2.936,0	4.800,0
Mediana		3.500,0	4.000,0	3.000,0	5.000,0
Moda		1.200,0	3.000,0	3.000,0	5.000,0
Percentis	25,0	2.650,0	3.000,0	2.000,0	3.125,0
	50,0	3.500,0	4.000,0	3.000,0	5.000,0
	75,0	5.250,0	8.000,0	3.750,0	7.000,0

Fonte: Dados elaboração dos autores

Considerações Finais

O empreendedorismo tem assumido lugar de destaque nos debates e políticas econômicas dos países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento. Parece surgir um consenso em torno do fato de que o empreendedorismo constitui-se numa peça fundamental para o desenvolvimento e crescimento de uma economia.

Dessa forma, a análise do perfil dos alunos buscava investigar se os mesmos apresentavam as características exigidas por esse modo de agir sobre a realidade atual.

Em linhas gerais, identificou-se que do ponto de vista da inserção profissional, um percentual inferior a um quarto dos alunos manifestou interesse em montar empresa. Porém, isso não implica necessariamente que não apresentem características empreendedoras; a análise mais cuidadosa indica que os mesmos apresentam estas características. Contudo elas se manifestam de forma mais intensa em aqueles que declararam ter interesse em trabalhar em negócio próprio. Assim, o fato de um percentual majoritário optar por fazer concurso público não significa necessariamente que não tenham perfil empreendedor . A opção pode ser atribuída a condições que não as características evidenciadas. A renda familiar é uma variável que não pode ser desconhecida. Ela indica que o potencial de geração de poupança desses

alunos é baixo. Talvez isso explique o fato do direcionamento para opções profissionais que envolvam menores riscos.

Quanto ao interesse em aprofundar esses conhecimentos, percebeu-se que da maneira como está sendo ofertada a disciplina de empreendedorismo, os alunos não demonstram interesse, já que o número de alunos efetivamente inscritos na disciplina não corresponde ao elevado percentual de alunos que se mostram interessados em cursá-la.

A reflexão acerca dos conteúdos e saberes necessários ao empreendedor ressaltou a importância deste tipo de ensino, pois significa incutir valores como autonomia, independência, capacidade de assumir riscos e crescer em ambientes instáveis, porém também evidenciou que ensinar estes valores deve significar antes de tudo dar oportunidade para o jovem escolher o seu destino.

Quando Dolabela (1999:31) afirma que "é importante que os valores do empreendedorismo sejam difundidos entre os atores centrais da comunidade local, para que, no processo de desenvolvimento econômico, as PME não sejam uma opção de segunda categoria, mas assumam uma posição de prioridade", percebe-se, do ponto de vista da educação para o empreendedorismo, que não interessa discutir se o empreendedorismo será a segunda, a primeira ou a última opção, mas se o aluno tem liberdade de escolha, liberdade esta manifestada no processo de construção de um mundo como seu próprio espaço de efetivação. (Oliveira, 1995). Embora o que se observe é que a opção pelo empreendedorismo, na maioria das vezes, constitui-se na ausência de liberdade de escolha. Quanto a isso, vide a pesquisa do GEM que aponta um percentual de 55,4% dos que escolhem montar um negócio "por necessidade". (GEM, 2002).

Outro aspecto revelado pela pesquisa ressalta sobremaneira o caráter subjetivo do ensino do empreendedorismo. Uma vez que o curso em questão não apresenta um projeto político-pedagógico direcionado ao ensino do empreendedorismo, então como se explicam as características empreendedoras encontradas nos alunos, se não através da idéia de que a aprendizagem do empreendedorismo extrapola os limites da universidade e que esta cultura já está disseminada na sociedade, além da noção de que cada um carrega consigo um modo próprio de elaborar seu sonho diante dos caminhos que lhe são oferecidos ou identificados na tentativa de realizá-lo. É certo que ainda perdura a cultura do emprego, mas também é certo que para a criação e manutenção de negócios é necessário um aparato político-institucional

que o Brasil está ainda longe de poder oferecer. Exemplo disto é a quantidade de impostos, a complicação que é pagá-los, a dificuldade para abrir e fechar empresas, dificuldade ao sistema bancário e o acesso a financiamentos. Com isso, faz-se o registro da necessidade de repensar criticamente a problemática da inserção profissional com a certeza de que a pesquisa empreendida suscitou ainda mais interrogantes.

Sendo assim, recomenda-se a realização de novos estudos (comparação do perfil entre os alunos do início e final do curso, comparação do perfil encontrado com outras universidades que apresentam projeto direcionado ao empreendedorismo e comparação da realidade local com outros Estados), como forma de elucidar as questões que a título de considerações foram levantadas.

Bibliografia

DIB, S. K. & DIAS, C. G. de S., *Inserção profissional dos jovens: o empreendedorismo e as formas de participação*. 3º Cipeal, 2003.

DOLABELA, F. *Ensino de empreendedorismo na educação Básica como instrumento do desenvolvimento local sustentáve*l. 3° CIPEAL, 2003.

DOLABELA, F. Oficina do empreendedor: a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza. São Paulo: Cultura Editora, 1999.

DORNELAS. J. C. A. Empreendedorismo: transformando idéias em negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

FILION, L. J. *Um roteiro para desenvolver o empreendedorismo*. Recife: IEL, 2003.

GLOBAL ENTREPREURSHIP MONITOR (GEM). Empreendedorismo no Brasil, 2002.

MATTAR, F. N. *Pesquisa de marketing.* 5ª edição. São Paulo: Atlas, 1999.

OLIVEIRA, M. A. de. *Ética e economia*. São Paulo: Editora Àtica, 1995.

ROESCH, S. M. A. *Projetos de estágio e de pesquisa em administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertação e Estudos de Caso*. 2ª edição. São Paulo: Atlas, 1999.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. *Relatório de pesquisa: fatores condicionantes da taxa de mortalidade no Brasil*. Brasília, 2004. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/br/mortalidade_empresas/index.asp>. Acesso em: 20 abril, 2005.